

«A NOSSA MORALIDADE ESTÁ INTEIRAMENTE SUBORDINADA AOS INTERESSES DA LUTA DE CLASSES».

LENINE

B. N. L.

28. NOV. 1979

DEP. LEG.

A Voz do Alentejo

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 745

ANO XXVII

27/9/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Telef. 6 25 36

LOULÉ



PORTE
PAGO

A lição de Évora não foi por eles compreendida

O grande vencedor das eleições autárquicas de Évora foi o Grupo de abstencionistas.

Este grande partido ganhou em Évora e prepara-se para repetir a sua vitória nas próximas eleições legislativas.

É agradável e cómodo ficar em casa e não ir à rua, aos encontros a outras pessoas, para meter o voto na urna.

O português defende-se do incómodo; e espertalhão como é, o coitado, não está disposto a sacrificar-se por quem ele não tem consideração ou por quem não conhece, por quem não é das suas relações. «São todos os mesmos; o que eles querem é poleiro», diz o esperto português ao justificar a sua abstenção, sem reparar que o poleiro sempre há-de cair nas mãos de alguém, mesmo sem o seu voto, e que com este poderia contribuir para a vitória de um seu conhecido ou

daquele que lhe parecesse mais útil ao país.

Cada povo tem o governo que merece; e se o governo resulta do abstencionismo, é um governo que nada deve a ninguém, e que nenhuma obrigação sente de trabalhar a favor da Nação.

É o governo que o povo merece. E o povo não tem então o direito de exigir seja o que for desse governo para quem é puramente estranho. Claro que isto será uma questão de lógica e de moral, pois na prática é outra coisa.

Na prática, o inconsciente e muitas vezes vencedor abstencionista não deixará de ditar as suas leis, de manifestar as suas imbecis opiniões, dizendo enfatuadamente que as coisas deveriam ser desta ou daquela maneira e não como estão à vista...

Outras vezes dirá que no parlamento não se faz outra coisa se-

não falar; ou ainda, que nele não se aprovarem leis do seu agrado ou da vontade do povo, e que por estas e por outras é que não vota.

Enfim... não faltarão ao absentista motivos fantasiosos para justificar a sua inércia, quando a sua mentalidade não atinge que o absentismo auxilia o inimigo.

Foi o caso de Évora. O absentismo, eis aí o grande vencedor. Mas de que lhe serviu isso?

O absentismo pode ser Rei, mas não reina.

O seu peso é um peso morto e de resultado negativo.

Não votar, é votar no comunismo.

O absentismo não é medida que

(Continua na pág. 6)

A DITADURA dos preços e o gonçalvismo das empresas

Crónica de LUÍS PEREIRA

Vida insuportável a deste País empenhado. Do operário ao empresário. Do camponês ao empregado de escritório. E para quê enaltecer o 25 de Abril e empunhar a bandeira do batuque nu? A crise encaixotou-se por todos os cantos e os pacotes das honras democráticas quase que aparecem todos os dias de improviso sem que se expliquem claramente os quês, os prós e os contras. Já não me admiram os aumentos da couve de Bruxelas, da açorda de marisco do xerém ou do queijo Rabaçal, agora um quilo de carapaus maneirinhos a tezentos escudos é uma impulsão de raiva, sobretudo, para o camponês, eter-

namente o mais desprotegido, que à carne nunca mais pôde chegar desde a ostentosa revolução das flores e dos folclorismos. Que alimentação para as gentes do campo que nunca tiveram um ordenado mínimo nem oito horas diárias? E o que comem os empregadinhos igados nos bancos das empresas? Nem as bestas, coitadas, se orgulham de um bom palheiro. E lá na Art Gallery de São Bento ou no Luxury Hotel das Conferências de Imprensa, há sempre um pançudo a morder os beijos no palatário dos socialismos e das democracias, pouco se importando com a improdutividade das empresas ou a má distribuição da riqueza. Democracia

(Continua na pág. 7)

VAI SURTIR EM LOULÉ

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo

Paradoxos do país em que vivemos. Por um lado, a agricultura, cada vez mais marginalizada e desprezada, pelos senhores que habitam as cadeiras do poder. Nenhuma outra classe social, como a agrícola, dispõe de condições de vida tão berças. Reivindicações e greves, são bichos que quase os não conhece o honrado, e honesto agricultor. Para este, não há salários mínimos, não há férias, não há dias de descanso, não há ga-

rantias, não há nada. De certo, e de seu, apenas tem o seu trabalho. Por outro lado, a segunda opção do paradoxo nacional, é precisamente esta classe agrícola, o suporte do resto da nação. É o produto da terra que alimenta o resto da população portuguesa, incluindo a massa dos oportunistas e preguiçosos, ou dos chafurdadores da política.

Digno de registo, por isso, se

(Continua na pág. 3)



— Reportagem de —
— JOSÉ MANUEL MENDES —

Entre o mar e a lua, venha o público e escolha. Público, na circunstância, alargado para os muitos milhões, graças à presença das câmaras da TV, insuficientes, todavia, para poder retratar o que foi um autêntico espectáculo de música e cor, e não só.

No cenário magnífico da Praia da Rocha, engalanada pelo cordão de lâmpadas, emergentes e salteantes do topo até à praia,

III Festival Nacional de Folclore

Entre o Mar e a Lua tudo foi espectáculo

formando como que um círculo mágico onde os muitos milhares de espectadores se entregaram de alma e coração à maravilha da paisagem em festa.

Poderemos dizer que, independentemente do ponto de vista que tende a ver o folclore, como

um meio de alienação do povo, ninguém de boa consciência poderá recusar a fertilidade de sensações proporcionadas pelo III Festival Nacional de Folclore. Quem ousará negar o carácter nacional de uma autêntica

(Continua na pág. 4)

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE e a ratificação do dec.-lei 14/79

A Assembleia da República alterou por ratificação o decreto-lei 14/79, depois duma longa polémica político-partidária de vários meses e em que esteve em foco a Comissão Regional de Turismo do Algarve (ORTA). Tal como esperávamos esta ratificação solicitada pelo PCP, não veio resolver os problemas fi-

nanceiros e orgânicos, que põem em causa a continuidade funcional e eficiente deste organismo turístico regional, que teve nestes últimos anos um papel relevante na coordenação e apoio à actividade turística do Algarve e que foi até considerado várias vezes por diversas entidades oficiais e privadas ligadas

ao sector, como um exemplo positivo considerando as naturais deficiências estruturais, existentes não só nos organismos, como neste país à procura dum rumo consentâneo com as suas reais necessidades.

O «Turismo» é uma actividade económica demasiado impor-

(Continua na pág. 3)

CONCURSO FOTOGRÁFICO



SOBRE CHAMINÉS ALGARVIAS

(VER PÁGINA 8)

III FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE

ENTRE O MAR E A LUA TUDO FOI ESPECTÁCULO

(Continuação da pág. 1)

exposição viva e passante, de vestuário e de costumes da tradição popular, ali representados pelas centenas de artistas amadores, que desfilaram ao longo da noite, frente à praia pejada de multidão, uma multidão que se não escusou a bater o pezinho, ou sequer, a regatear as palmas. Porque tudo aquilo, o que se chama folclore, é uma representação de uma peça com meios e fins diversos, tal como num teatro se representa Shakespeare, ou Molière, e num concerto se interpreta Beethoven ou Mozart. Só com uma diferença. É o saber colectivo que a autoria das obras folclóricas revela, um colectivismo de criação que não exige direitos de autor ou reivindica exclusivos de representação. Foi o Povo quem as fez, e é o Povo quem as difunde. E, tal como dizia alguém, há anos recentes: se isto não é o Povo, então onde está o Povo? Na verdade, mesmo com uma certa carga demagógica que este tipo de reivindicação de Povo acarreta, o III Festival Nacional de Folclore foi um autêntico espectáculo popular. Espectáculo, onde, como é óbvio, não faltaram algumas falhas da Organização, que todavia revelou ter dado o máximo do seu esforço para que tudo corresse o melhor possível.

Nada é perfeito. Mas, pouco antes de iniciar o Festival, quando se olhou bem para o taipal de fundo do palco, e se verificou a existência única de um microscópico emblema da cidade de Portimão, ali escarrapachado timidamente sem mais nada, no meio de uma superfície enorme e lisa, toda de branco vestida, muita gente pensou duas coisas: ou existiu uma tremenda falta de gosto no decorador, ou a pressa não deu para mais. A primeira hipótese reuniu mais probabilidades. E vá de se improvisar umas pinturas ali a verde, com uma mapa de contornos do Algarve, e, a indicação indispensável de Algarve-79. Algarve, Algarve, o nome principal de um Festival que ia entrar pelas casas de Portugal inteiro, não podia faltar ali.

Outra questão, relaciona-se com a acomodação dos espectadores. Por um lado, duas das frentes ficaram fechadas com o próprio palco, e o equipamento televisivo, e com as tribunas para as individualidades. Havia uma plateia, frontal ao palco, onde tomaram assento os jornalistas e demais convidados, e por detrás das «grades» a Organização ofereceu ao grande público, a areia como bancadas. É claro que o público da frente encostou-se às grades, em pé, e toda a multidão por detrás, ou se levantava também, ou não via nada! Quere-nos parecer que, pelo preço módico de 20\$00 por cadeira, a Organização perdeu assentos a milhares de pessoas, e de recuperar alguma parte de um custo organizativo que deve ter custado uns largos milhares de contos. Enfim, veremos se a lição ficou aprendida...

O desfile dos ranchos folclóricos foi precedido pelo Grupo de Bombos «Os Mareantes do Rio Douro». Puxa vida! Se os rapazes se fartaram para ali de dar ao coiro! O rufar dos tambores, com todo o seu impacto marcial, e a sua representação alegórica, só pecou por uma coisa: por excesso! Quando

sairam, os tímpanos da audiência vibravam como loucos.

Mas loucos, verdadeiramente loucos, ficaram os algarvios com a entrada de rompante da rapaziada de Moncarapacho. A velocidade incrível da execução dos corridinhos, desde logo empolgou toda a gente. Estava dado o mote. E eis senão, quando, no meio do bailarico, um espectador maroto, descortinou, no meio dos folhos e das saias aos montões de uma graciosa rapariga, um rasgo comprometedor

na calcinha (branca e até ao joelho). Foi o delírio nas filas da frente. E logo, como fogo em noite de vendaval, aumentou ainda mais o entusiasmo quando se entrou na Alma Algarvia.

Depois, tudo se aquietou. Eis que entram as gentes lentas e pachorrentas de Pias do Alentejo. O coral bandeou-se, tudo muito alinhadinho, tudo muito certinho, que até parecia a pose da equipa de futebol lá do sítio. As foices, curiosamente, estavam pintadas de vermelho. Os

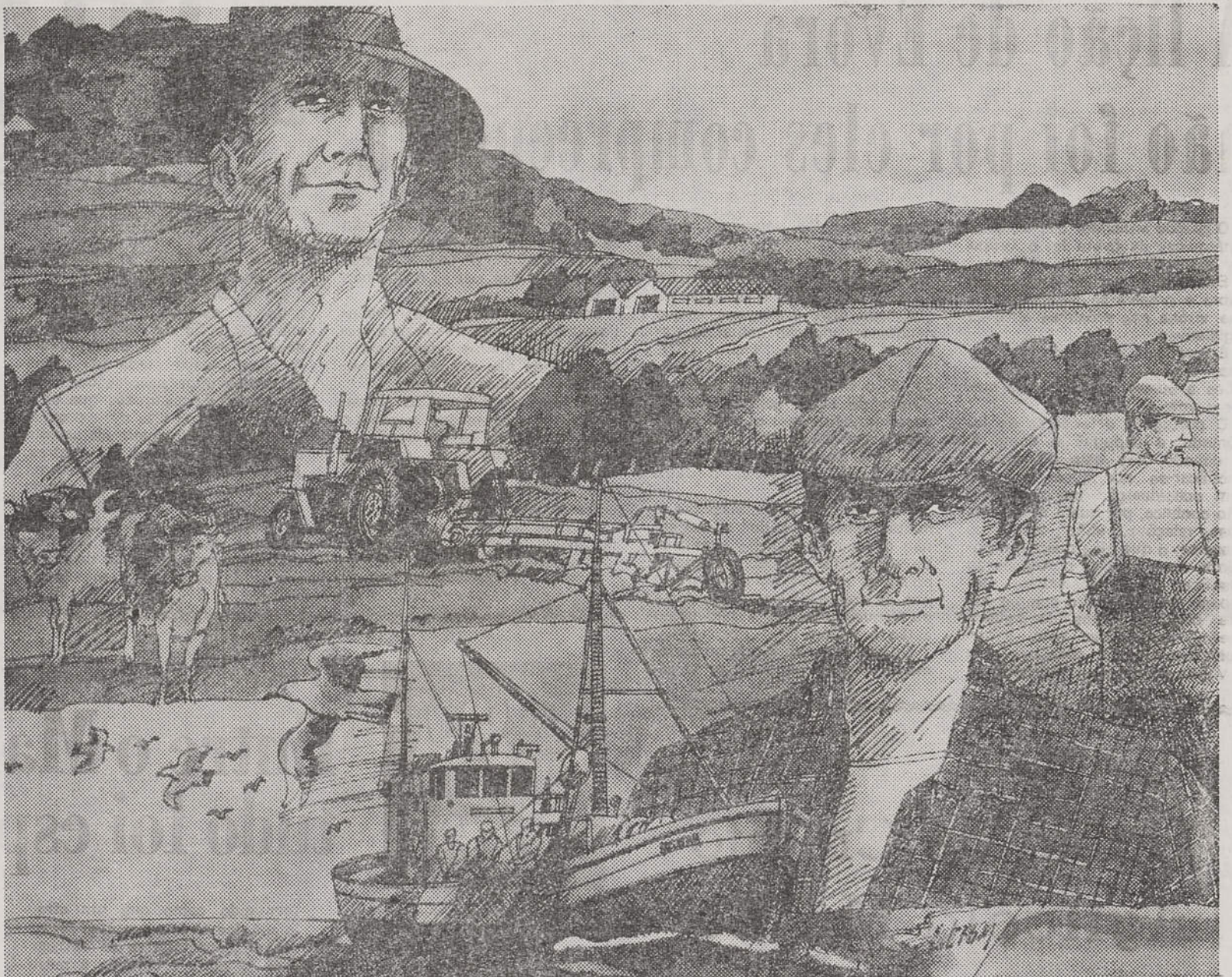
martelos, não os vimos. Saiu o Baixo Alentejo, e vai-se por aí acima, até ao Alto Alentejo. Desta feita, o Rancho da Casa do Povo de Cano. Os rapazes, para dançarem com as raparigas, envolviam as mãos num lenço, quem sabe, se para não contagiar algum micróbio malfadado. Rijo e viril, foi o jogo do pau. Tão violento, que até se partiam os cacetes em vários bocados. Boa interpretação.

Almeirim chegou, viu e fandangou. Um leve aroma a me-

lão na Valsa a 4 Passos, certamente, o capítulo seguinte de «La Valse à Mil Temps», do saudoso Jacques Brel.

Quanto a nós, dos momentos mais altos conseguidos durante este Festival de Folclore, aconteceu com a representação do Grupo Folclórico de Porto Santo, da Madeira. No vestuário tradicional, muito sobre o branco, algumas novidades da moda moderna: as alpergatas cintadas das mulheres, e as calças ripa-

(continua na pág. 4)



AGRICULTOR! PESCADOR! HÁ CRÉDITO PARA SI

O IFADAP está em funcionamento.
Há crédito para a agricultura e para as pescas.
O novo sistema de crédito — SIFAP — traz importantes vantagens a quem vive da terra e do mar.
Foi estudado para ser uma verdadeira ajuda a quem realmente produz.
Os juros não são descontados “à cabeça”.
As taxas são bonificadas. O dinheiro pode ser levantado à medida que vai sendo preciso.



IFADAP

INSTITUTO FINANCEIRO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E PESCAS

E os prazos de pagamento são adaptados às necessidades de cada empréstimo.

O crédito pode ser concedido a agricultores, pescadores, empresas cooperativas e colectivas que se dediquem à agricultura e às pescas.

Os Bancos informam sobre o crédito SIFAP. Faça contas ao que precisa e vá ao seu Banco. Para quem trabalha, o crédito é uma merecida ajuda.

O crédito nasce do seu trabalho

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE E A RATIFICAÇÃO DO DEC.-LEI 14/79

(Continuação da pág. 1)

tante para Portugal e para os portugueses, para que se possam ensaiar experiências de cariz negativo, como tem vindo a acontecer com este sector, após a publicação da lei das finanças locais nos primeiros dias do corrente ano.

No aspecto orgânico-funcional, as alterações agora ratificadas na A. R., transformaram a CRTA num organismo totalmente dependente dos «patrões-câmaras», menosprezando os parceiros sociais e até o Governo que naturalmente também deverão ter uma palavra importante a dizer nesse sector fundamental e de real interesse nacional. A CRTA e outros organismos regionais de turismo, só poderão ter um funcionamento útil e eficaz se as autarquias locais, as associações sindicais e empresariais e o governo colaborarem abertamente a todos os níveis, sem que qualquer dos sectores indicados tenham privilégios especiais, pois a complexidade dos problemas e os diversos interesses em causa, exigem uma colaboração muito estreita, devendo haver uma total confiança entre o poder local, o Governo e as forças sociais.

O Dec.-Lei 14/79, veio na sequência do Dec.-Lei 114/70, que estava e está desactualizado e não consentâneo com o espírito do 25 de Abril e a sequente democratização do país. Havia necessidade de acionar os órgãos responsáveis pela gestão e controlo do organismo, que não estavam em funcionamento desde 1974 e que foram substituídos por uma Comissão Administrativa Ad Hoc, que teve várias composições nestes 5 anos, mas que deve ser considerado um órgão anómalo e não consentâneo com a democratização de Portugal, que desde fins de 1976 tem uma Assembleia e autarquias eleitas. Ao contrário do que se possa pensar, a última C.A. da CRTA, fez vários esforços ao longo dos últimos 3 anos para que se reestruturasse a CRTA, mas tal nunca foi possível, devido à queda sistemática dos vários governos, que nunca possibilitaram a concretização dos diversos estudos e projectos, em que intervieram além da C. A. e dos trabalhadores da CRTA, as câmaras municipais e as associações sindicais e empresariais.

A publicação do Dec.-Lei 14/79, parece-nos que não passa duma solução de compromisso, facto que nunca foi compreendido pelos chamados partidos da «maioria de esquerda» que se mostraram mais interessados num PREC do sector turístico, tentando recolher benefícios partidários, que felizmente não se concretizaram, dificultando uma autêntica regionalização turística do País e em que fossem encontradas soluções institucionais e financeiras, não só para o Al-

garve, mas para todo o Portugal.

Para quando a regionalização turística? — na passada semana o V Governo solicitou uma autorização legislativa para a regionalização turística, cujos resultados ainda desconhecemos, pelo que oportunamente voltaremos a este assunto.

Verifica-se que a A.R. ao alterar o Dec.-Lei 14/79, marginalizou totalmente os órgãos representativos da indústria turística, associações e sindicatos principalmente no executivo, em que o presidente é simbolicamente nomeado pelo Secretário de Estado do Turismo somente sobre nomes propostos e apresentados pela Assembleia Distrital de Faro onde estão exclusivamente representados as Câmaras Municipais e em que certamente estarão somente em jogo os interesses político-partidários. Além disso, também no executivo, sempre defenderemos

que os representantes dos sindicatos e das associações patronais, fossem dos sectores mais representativos o que não vem consignado nas alterações.

Da maior importância e que não ficou resolvido é a solvência financeira do organismo, que ficara dependente dum OGE debilitado em que as autarquias não são obrigadas a ceder pelo menos 50 por cento do imposto de turismo, cobrado na região e que deveria ser a base financeira fundamental, apoiada naturalmente por verbas mais substanciais do O.G.E.

Estamos convictos que muito em breve serão feitas opções mais realistas, tendo em consideração a importância que o turismo tem para Portugal e para muitos milhares de trabalhadores e empresários, do Algarve e do País.

Joaquim Manuel C. Neto
De «POVO LIVRE»

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo em Loulé

(Continuação da pág. 1)

torna notar como, criando e fazendo nascer de entre as suas próprias forças novas forças, é a própria classe agrícola quem luta contra os seus problemas, e promove as suas estruturas. Os agricultores, já se conscientizaram de que, se não forem eles próprios a auxiliarem-se uns aos outros, ninguém o fará por eles.

Exemplo magnífico deste cooperativismo de esforços, é a criação da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Loulé, com vistas a proporcionar aos agricultores uma organização para-bancária, onde possam depositar as suas poupanças aos mesmos juros da banca nacionalizada, e obter crédito para as suas sementeiras, para as suas máquinas, os seus investimentos, a juros bonificados e que realmente proporcionem vantagens a quem trabalha a terra.

Para esse efeito, cerca de uma centena de agricultores reuniram-se num jantar, no Restaurante «O Pescador» em Loulé, para darem o primeiro passo da Caixa Agrícola de Loulé. Estiveram presentes representantes da Caixa Agrícola de Monchique, grande exemplo no género, e com resultados que a banca nacionalizada considera excessivamente positivos, pois coloca à evidência o desgoverno da colectivação, que só apresenta prejuízos, em confronto com o sector privado, altamente produtivo.

Terminado o repasto, Manuel Costa, da Associação dos Agricultores de Loulé, fez a apresentação de Diogo Sebastião, o qual, como agricultor, e como membro da Caixa Agrícola de Monchique, explanou as vantagens do sistema, entre outras considerações. Seguiu-se uma colecta de fundos para arranque da Caixa em Loulé.

Ainda no âmbito da reunião, o Dr. Cristóvão Norte, fez um enquadramento político geral, sobre a situação da agricultura no País, terminando a sessão com uma brilhante dissertação do jovem louletano, Dr. José Mendes Bota, que colocou vibrantemente à evidência a importância do cooperativismo como forma de luta dos agricultores livres contra o divisionismo da classe política, o burocratismo estatal, e o colectivismo fundiário.

Ainda no âmbito da reunião, o Dr. Cristóvão Norte, fez um enquadramento político geral, sobre a situação da agricultura no País, terminando a sessão com uma brilhante dissertação do jovem louletano, Dr. José Mendes Bota, que colocou vibrantemente à evidência a importância do cooperativismo como forma de luta dos agricultores livres contra o divisionismo da classe política, o burocratismo estatal, e o colectivismo fundiário.

VENDE-SE

Terreno situado na Avenida da Liberdade, em S. Brás de Alportel, com 16.000 m².

Tratar na Rua Paiva de Andrade, 52-1.º H — Tel. 23337 — Torres Vedras.

(10-1)

VENDE-SE

Um prédio velho, com projecto aprovado.

Tem quatro frentes e 800 m².

Nesta redacção se informa. (4-4)

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

CABRITA NETO NÃO CAI DE BRUÇOS NA ONDA DE DEMAGOGIA

(Continuação da pág. 1)

vessas ou chilreios de troça, (não é seu hábito) mas para apoiar com força e entusiasmo a sua possível candidatura como deputado nas próximas eleições. Os algarvios precisam de acordar e não fugirem com olhar de medo às responsabilidades que se impõem. Soube da sua aderência ao PSD, pouco me importa o seu credo político. Sei reconhecer o seu valor como Português, só desejo que os sociais-democratas saibam escolher um homem com a dignidade e a inteligência de Cabrita Neto para encabeçar a sua lista de deputados pelo Algarve. A não ser que queiram por ignorância ou incompetência facilitar os lugares sagrados à maioria de esquerda. Não quero ser o juiz, não tenho voz de aspingarda, dos deputados do PSD pelo Algarve, mas posso dizer que em democracia os lugares cimeiros não são eternos, ai daqueles que se afirmam democratas e nunca mais descolam o rabo das suas cadeiras manchadas. A questão não é estar-se instalado, mas sim a resolução dos problemas mais prementes que afligem o Algarve.

Na Comissão Regional de Turismo do Algarve, Cabrita Neto serviu com humanismo e rectidão a província do sol. Foi um exemplo de constância e fidelidade. Sem partidismos elevou o Algarve. Os peles-vermelhas não gostaram do seu talento e cedinho o despojaram. É a vez de o escolhermos para deputado. Ai e e combaterá a miopia dos políticos que nos têm representado com indecência, muito mais preocupados com o seu charme público e os seus jogos partidários. Sei que muitos vão dizer que o Blé do Monte é um nojento, que dá coices, que é um tarado manobrado. Os que vão afirmar isso são os de cabeça oca e de ideias mirradas que por remorsos e rodopios nunca quiseram sentar-se a uma mesa para debater os problemas do Algarve.

Cabrita Neto tem sido alvo de especulações por parte daqueles que vêem nele um adversário político. Ele não é um adversário de ninguém. É o mais valioso, o que deu mais provas. É isso que nós, algarvios, devemos reconhecer para que a descentralização apregoadá seja amanhã uma realidade. Senão todas as esperanças se perdem de vista pois que nós não vivemos de requerimentos ou de publicidades balofas. Não queremos Universidades nos papéis a abolecerem nas gavetas. Podemos achar aqui a nossa razão de existir pois o Algarve tem poten-

cialidades para dar de comer aos seus filhos.

Não me vou prolongar. Amanhã poderei voltar a reflectir na transparência de Cabrita Neto que julgo ser o mais capaz para nos representarem Lisboa. Que ao menos os que nada fizeram se encolham diante do trabalho de Cabrita Neto. É urgente que o Povo Algarvio sinta a necessidade de escolher a competência... pode ser um rasto de luz para a descentralização esperada!

O Blé do Monte está presente e vai registar os que querem pegar a vida inteira a uma comodidade facilitada, por causa dos dinheiros, dos subsídios e das gorjetas.

BLÉ DO MONTE

Vendas Novas da Tor
Loulé



VALTER GONÇALVES
TERESA

AGRADECIMENTO

Sua família extremamente penhorada pelas demonstrações de amizade e carinho que recebeu, vem por esta forma tornar público o seu mais vivo reconhecimento a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar ou de qualquer forma acompanharam o seu desgosto e a quem, por deficiência de endereços ou por qualquer outra circunstância o não pôde fazer directamente, ressaltando assim uma omissão involuntariamente cometida.

Não podemos deixar de particularizar um agradecimento muito especial ao grupo de amigos que quiz prestar a sua derradeira homenagem com um gesto de sacrifício e dedicação transportando o caixão aos ombros num percurso de cerca de 5 Km.

AGÊNCIA CAVACO

(2-1)

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE
APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(25-10)



FÁBRICA DE PASTELARIA FINA

DOCE DE AMÊNDOA
E FIGO DO ALGARVE

Fornecimentos para:

Casamentos, baptizados, aniversário, etc.

Recomendamos o nosso serviço grill

Sugerimos a tosta mista

Pastelaria — Largo Gago Coutinho, 22

Fábrica — Rua do Matadouro, 20

Telefone 62503 — LOULÉ

(10-2)

A LINDA CONSTITUIÇÃO QUE NOS DERAM

X

(Continuação)

Daniel Roxo era um português, um simples caçador de feras nas matas de Moçambique, que nos últimos dois anos de luta nacional resolveu fazer aquilo que os soldados portugueses já achavam desleal: bater-se.

E com três ou quatro caçadores negros deu tal caçada aos guerreiros que estes fariam-no a muitas léguas de distância e davam às de vila Diogo com temor da sua aproximação. Roxo não tinha a simpatia nem a boa vontade do exército português que nos entregou ao inimigo. Não! Não tinha.

E tinha a antipatia dos chamados progressistas que todos mais tarde se revelariam traidores e que acabariam por fugir para a Terra que traíram.

Quatro ou cinco Daniel Roxos em Moçambique chegariam para afugentar para sempre os 250 farrapilhas que derrotaram os 100 mil soldados bem municiados e adestrados.

Por tudo isto veja a sã mocidade portuguesa que se perde a causa nacional e por puro desleixo ou desleixo.

Reúna-se e prepare-se, não para uma luta que não existirá, mas para um esboçar de vontade que bastará.

Experimente essa sã mocidade reunir-se e verá todas essas rãs agitaram-se no charco em barulhento coaxar para afugentar o medo.

E só isto, a coesão, fará a prova de horror que os elementos da desordem têm à Ordem, e basta.

Bastou a notícia da marcha silenciosa sobre Lisboa para todos esses elementos acorrem espavoridos a cavar trincheiras às portas da cidade; se marcha se tivesse efectuado todas essas toupeiras não terem tempo suficiente para escavar as suas galerias de refúgio.

Se, quando foi da tomada por assalto das propriedades alentejanas, os proprietários não tivessem o hábito de confiar a sua defesa no exército e fossem eles próprios a defender-se em grupos de 100, ou mais quando necessário, que acoressem rapidamente aqui e ali onde as borbulhas emergissem, e tudo nada teria sido.

Mas confiaram nos defensores da Sociedade e da propriedade; e quando deram que estes eram cúmplices dos assassinos caíram num atroz desânimo que os prostrou por muito tempo.

Mas agora é tempo de reagir e agrupar.

Agrupar e disciplinar deverá ser de ora avante a posição da sã mocidade que não queira deixar-se submergir no torvelinho dos dias turvos que se aproximam.

O artigo 59 da Linda Constituição que nos deram prescreve:

«É garantido o direito à greve».

E logo, no artigo 60 estabelece:

«É proibido o lock-out».

O direito à greve é uma arma para defesa dos trabalhadores; mas defender-se de quem?

Certamente para defender-se do patronato.

Isto supõe a existência de um conflito ou a possibilidade dele, entre trabalhadores e patronato.

Mas se o trabalhador tem o direito de pre-munir-se de uma arma para defender-se de um ataque do patronato, mandava a lógica e a moral que a este fosse dado adquirir a outra arma para defender-se de qualquer ataque daquele.

Mas não é assim. É proibido o lock-out diz o artigo 60; e o lock-out seria a arma do patronato para defender-se de um ataque do operariado.

Este pode atacar e tem arma para o fazer — a greve. Todavia o patrão não pode defender-se com encerramento da sua porta — o lock-out.

Por isto já se vê que o célebre código dos direitos do homem não aproveita ao homem - patrão mas é contra este, pois aproveita exclusivamente ao homem proletário.

Este iníquo privilégio é uma machadada contra o empresário ou seja contra o valor criativo da iniciativa na produção.

Ora tudo tem o seu limite e por isso aquilo que ultrapassar o limite apropriado deve ser inexoravelmente proibido. Todavia não é assim no caso de greve: mais um privilégio do proletariado que a Linda Constituição que nos deram enche de privilégio.

Na verdade diz o seu artigo 59:

1) É garantido o direito à greve.

2) Compete aos trabalhadores definir o âmbito de interesses a defender através da greve, não podendo a lei limitar esse âmbito.

Poderá haver preceito mais horrendo e monstruoso do que este? Ou pelo menos igual?

Cremos que não. Debajo do sol, nem mesmo no país de Cunhal, haverá qualquer coisa semelhante.

Só neste triste país que é Portugal, dominado pelos lacaios moscovitas e pelos marxistas de Soares poderia isto acontecer: um monstruoso preceito legal contra o qual nada pode, nem a força do direito, nem a moral.

Perante este preceito legal nem o aqui del-rei poderia valer a uma pessoa ou a uma dúzia delas.

Perante ele só há uma coisa a fazer: fugir.

Foi o que fizeram aqueles homens que tinham inteligência, iniciativa, capacidade criativa, e poderam pôr-se a salvo.

O que é inconcebível é que o Dr. Mário Soares tenha ido ao Brasil convidar técnicos e empresários a voltarem à sua Pátria...

Pensaria ele que tais homens seriam uma súplica de imbecis ou tristes ignorantes do que se passava em Portugal?

Como não acreditamos que o sejam, até mesmo demonstraram com a sua recusa que o não eram, temos de admitir que o Dr. Mário Soares sofre de perturbações na sua espreiteza, ou é um desprezível cínico ou é pessoa que foi capaz de admitir que convenceria a regresso àqueles que lhe poderiam dar lições de conduta.

Admitir-se-ia semelhante proposta se a esses homens, instalados no Brasil, fosse possível garantir o desaparecimento, pelo menos do artigo 59, da Linda Constituição que nos deram.

Mas o Dr. Mário Soares não lhes garantiu isso nem poderia garantir.

O que viriam eles, então, cá fazer?

Sim, o que viriam fazer?

Investir, montar fábricas, para depois de postas a funcionar o proletariado usar dos poderes que lhe confere o artigo 59?

(Continua)

III FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE

ENTRE O MAR E A LUA TUDO FOI ESPECTÁCULO

(Continuação da pág. 1)

das dos homens. O número dos «Moinhos de Vento» foi um espanto de beleza corográfica.

Uma tristeza, a apresentação deste Festival. A locutora, debitou os textos em polifonia, escondida, quase por telefone. A sua entoação démodée, bem como a pronúncia horrorosa em francês e em inglês, tiraram brilho ao espectáculo. Faltou ali classe. A classe de um apresentador descontraído, simpático, natural e profissional a 1.000%.

Rosas do Lena. Começando com a «Dança a 2 Passos», traziam o terceiro dentro da cabeça. Uns chapéus pretos, enormes. As tantas, salta para o tablado um velho, tão velhinho, tão velhote, a dançar o fandango estremenho com tanta genica, e com o sangue a subir-lhe tão ameaçadoramente às orelhas, que chegou a reacear-se o pior.

Cancioneiro de Agueda. As mulheres descalças, e até nem fazia um calor por aí além. Mas tudo de patinha limpa, se é isso que querem saber!... Quando foram para o Malhão de Agueda, metade do grupo, ficou ali feito choco. Ah! paradas, elas nem cantavam, nem dançavam. Enchiam o palco. Quando saíram, as patinhas já iam mais sujas.

O Rancho de Silveiras. O es-

Trespasa-se

Estabelecimento de venda de produtos para a agricultura, situado no Largo de S. Francisco.

Contactar com Armando Gonçalves pelo telef. 62573 ou 63061 — Loulé.

(3-1)

VENDEM-SE

Apartamentos de 3 assoalhadas em fase de acabamento, situados na Rua de Berlim (próximo do Liceu), em Faro.

Tratar com Filipe Viegas, Telef. 94115 — Loulé.

(2-1)

PRÉDIO

Vende-se um prédio na Av. José da Costa Mealha com cave, r/c e 1.º andar, sendo o r/c com chave na mão.

Tratar na Av. José da Costa Mealha, n.º 110 — LOULÉ.

VENDE-SE

Vende-se moradia com terreno, em zona urbanizada. Área total 470 m2, situada em Quarteira.

Ótimo local para construir vivenda, ou andares.

Tratar com o próprio — Telef. 22949 — FARO.

trado tremeu ao bater dos seus bombos, atirados ao ar e aparados pelas pernas. A flauta dava como que um ar de encantar serpentes. Ou uma gravura de um livro de escola primária nos anos sessenta.

Do frio da serra, vieram os folclóricos da Guarda. Com aquelas roupas pesadas de pele, deviam ter um calor dos demónios. Depois, veio Golpilhães, com a sua Rusga do Senhor da Terra? Rusga? Ah, fizessem eles uma rusga ali, naquela noite mesmo, na Praia da Rocha, e muito boa coisa se apanhava!...

Havia uma legião de fotógrafos a bater «chapas». Longos metros de filme ali foram tirados. Rês com o palco, um técnico da RTP segura um enorme microfone, com umas leves semelhanças formáticas, com uma metralhadora disfarçada. Quem sabe? Ao seu lado, um rapazinho, muito solícito aos saltinhos daqui para ali, com um ar muito compenetrado de quem sabe o que anda a fazer, e tem uma missão importantíssima a desempenhar. Se bem que, em abono da verdade, não se lhe visse utilidade visível para tanto esforço...

Com o Rancho da Candelária, dos Açores, veio uma onda de simpatia. Por baixo daqueles chapéus de palha, havia um sorriso permanente, uma doçura insular.

As patas descalças voltam à riba, com o pessoal de Riba Tâmega. Dentre este há um tarzanito cheio de músculo, muito enérgico nos seus passos. As tantas, sai disparada uma rosa do palco, e vai acertar logo em cheio no olho de uma madame, posicionada na fila três. Grito de aflição. Algum espanto. E eis que entra o Grupo Folclórico do Baião. Vem lá um velhote tão velhote a tocar um bombo, tão velhinho tão velhinho, que não se distingue quem nasceu primeiro: se o que dá, se o que leva! O assentimento geral, é de que deveriam estar ambos na prateleira do museu. O bombo. E o velho.

Finalmente. Um tipo de ar duvidoso, na fila quatro, soltou um gritinho de gozo. Aí estavam os homens de salas: os Pauliteiros de Miranda. Para ali bateram, pau no pau, bailaram e até fizeram acrobacias, para completar o espectáculo. Iam já a sair, quando voou um lençinho cor de rosa. Da fila quatro.

Segue-se o penúltimo grupo. Faltava ali, para o apresentar, essa autêntica lenda nacional, esse monumento heróico da televisão em Portugal, que foi Pedro Homem de Mello, para com a sua voz de goela fanhosa e nariz completo entupido, recitar, pausadamente, entoadamente, embevecidamente:

Santa Marta, Santa Marta, Santa Marta de Portuzelo, Para onde vamos, Santa Marta Com tamanho desmazelo?

Finalmente, o Festival Nacional de Folclore, conseguiu levar a sua cruz ao Calvário. Precisamente, porque foi o Rancho Folclórico do Calvário, quem encerrou magnificamente o certame.

Já ia longa a noite, metade

da audiência já tinha abandonado. Era a hora do adeus, até para o ano. Era a hora do regresso a casa, ao trabalho, às realidades duras da vida. Que tudo aquilo fora um sonho! Que tudo aquilo fora uma miragem magnífica! Que tudo aquilo fora um doce na boca de quem sente os amargos da hora que se vive. Que tudo aquilo foi, afinal de contas, um convívio de gente com gente. Que tudo aquilo, que foi maravilhoso, foi o motivo para que amanhã, com a «cuca» mais fresca, e o raciocínio a funcionar, reste a dúvida, legítima, sobre se teria sido aquele o melhor destino para muitos milhares de contos, dos quais vai sobrar uma recordação de uma noite, num Verão já não muito quente de Algarve. Depois, acodem à cabeça palavras como habitação, electricidade, esgotos, campo e cidade, serra e litoral, e a gente, torna a ter dúvidas. Se é o turismo que merece aquilo tudo. Ou se seremos nós que merecemos. Mas deixa p'ra lá! Que não se estrague a noite. Que amanhã é outro dia, e os homens que não têm dúvidas já preparam a noite do ano que vem. O IV Festival Nacional de Folclore Algarve 80.

José Manuel Mendes

A V I S O S A L I R

Avisam-se todos os Afilhados de baptismo e de crisma de Maria do Bom Sucesso Faísca Teixeira e de sua Irmã Maria da Conceição Faísca Teixeira, residentes que foram, em Salir, que, a fim de poderem vir a receber a importância que lhes foi deixada em testamento, terão que identificar-se e comprovar tal qualidade, mediante a apresentação de documento idóneo passado pelo pároco respectivo (os de baptismo) ou prova testemunhal (os da crisma).

Para tanto deverão dirigir-se, no prazo de 20 dias, a António Teixeira Nunes, residente em Salir, fornecendo tais elementos.

O Testamenteiro,

Amílcar Neves Sandinha

(2-1)

ALUGA-SE

Armazém no sítio da Goncinha — Loulé.

Tratar com o sr. Dionísio Barros Viegas — R. dos Combatentes da Grande Guerra, 22-1.º — 8100 - Loulé.

(4-2)

TRESPASSA-SE

Mini-Mercado em Loulé (bem situado), com boa clientela.

Nesta redacção se informa.

CANTINHO DA CRIANÇA

Secção de e para a Criança

● DOIS AUTORES E QUATRO POESIAS

Hoje não incluímos colaboração juvenil, conforme desejávamos.

O «Cantinho» ressentia-se assim das «férias grandes» e, portanto, da interrupção que estas, em termos colaborativos, ocasionam.

Mas prossegue. É importante que marque presença e mantenha continuidade, sem quebrantos.

Para garantir a sua regularidade aqui se inserem poesias da autoria da Dr.ª Idália Farinho Custódio, compiadora desta secção e de Domnácio (pseudónimo de Domingos Inácio Costa) que escusado será dizer são inteiramente devotados às Crianças, e da melhor maneira, ilustram o teu «Cantinho».

J. C. Viegas

● DEFINIÇÕES...

A manhã
é papoila esguia.
A noite
é estrela sem guia.

A manhã
é rosa a bulir,
A noite
é amor a fugir.

A manhã
é oração a soletrar.
A noite
é sangue a uivar.

A manhã
é palavra a brotar.
A noite
é paixão sem luar.

A manhã
é seara vermelha a acalantar.
A manhã
é lírio branco a perdoar
sob os sorrisos do vento a amar.

Idália Farinho Custódio

Bombeiros / Parteiros

Chamados às 5.30 da madrugada ao sítio das Samadas (Alte) para transportar uma parturiente ao Hospital, os Bombeiros Municipais de Loulé tiveram a surpresa de ver nascer na própria ambulância uma robusta criança do sexo masculino.

Assistiram os bombeiros Casimiro Laginha e Carlos Alberto que, aliás, possuem noções elementares para resolver estes problemas e também já têm alguma experiência de outros casos idênticos.

Mãe e filho passam de perfeita saúde.

Os nossos parabéns aos felizes pais pelo acontecimento.

VENDEM-SE

— Máquina de trituração de alfarroba, um motor eléctrico e uma báscula de 20.000 Kg, em bom estado de funcionamento.

— Duas caldeiras de destilar figo.

Nesta redacção se informa.
(1-1)

Ângelo Sintra Delgado

Médico Especialista
Cirurgia e Ortopedia Infantil
Consultas: Últim. sábados do mês,
a partir das 10 h.
Consultório: Largo Gago Coutinho, 4 — Telef. 62739
LOULÉ

(5-1)

● RELÓGIO DA VIDA

(Que o teu relógio da vida bata sempre certo por longos anos e sem sofrimentos)

Segundo a segunda sempre a bater
O relógio marca o tempo da vida
Com pontualidade sem sequer
Parar na sua suave batida.

O coração também bate para viver
Com a sua benevolência infinda.
Por vezes bate apressado a sofrer,
Tornando a existência dolorida.

O relógio não pára pois por arte
Dá-se-lhe corda e sempre bate
E o coração nunca mais ao parar.

Com rigor seguem em ritmo certo
Tornando cada instante mais perto
O fim que tão doloroso é lembrar.

«Domnácio»

● AVORE DA VIDA

(Que a tua árvore da vida tenha muitas folhas para cair)

Viver a vida é tão belo, é tão lindo
Tu vives a tua e eu vivo a minha.
Assim um a um os anos vão fugindo,
É uma folha que cai já velhinha.

Folhas de vida que vão caindo...
E a nossa árvore, um dia à tardinha,
Que pouco a pouco se vai despidendo,
Ficará com uma folha sozinha.

Alguém sabe as folhas que tem
A árvore da vida? Ninguém. Ninguém!
...Árvore sem folha renovada.

Por isso pedir a Deus me ocorre:
— Que seja longa a tua desfolhada.
«Domnácio»

LIVROS NOVOS

OS CARROS DO INFERNO

Os carros do inferno são os blindados da «Divisão Panzer» que, pelo lado alemão, se batem na frente russa. O autor, que testemunhou os acontecimentos como soldado de frente de combate, varia neste romance o cenário dantesco daquela guerra, em que o sofrimento era tanto que a própria morte podia ser encarada como uma libertação.

Autor: Sven Hassel

ANA KARENINA

Falar em Leão Tolstói é evocar um dos nomes maiores da literatura de todos os tempos. Falar de Ana Karenina é lembrar obra mais harmoniosa de quantas Tolstói escreveu. Com efeito, se «Guerra e Paz» é o mais conhecido romance de Tolstói e aquele em que a dimensão épica mais se impõe, Ana Karenina é a obra mais humana, aquela que melhor reflecte a realidade maleável dos corações e dos corpos, aquela que melhor retrata os homens e as mulheres comuns que se nos depa-ram na vida real.

Um romance imortal que não é exagero colocar entre os maiores da literatura de todos os tempos.
Autor: Leão Tolstói.

20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

Júlio Verne foi, senão o criador, pelo menos o precursor da literatura de ficção científica, e as suas obras continuam ainda hoje a ser lidas e lidas em toda a parte.

«20 000 Léguas Submarinas» é um dos livros do autor que maior repercussão têm alcançado e não faltam críticos para quem esta obra constitui o ponto máximo da capacidade inventiva de Júlio Verne.

Autor: Júlio Verne.

AS MEMÓRIAS DE JESUS

Muito se tem dito e escrito sobre o Homem de Nazaré. No entanto, o assunto está longe de se encontrar esgotado e a curiosidade sobre o mistério da sua vida e da sua personalidade não faz mais do que aumentar.

Depois de terem constituído um extraordinário êxito de livreria no estrangeiro, «As Memórias de Jesus» vão proporcionar aos leitores de língua portuguesa uma imagem nova, diferente dum homem que os séculos não fazem esquecer.

Ao longo da sua vida, este Homem, profundamente comprometido com a Vida e, com os ou-

tros homens e com o momento histórico em que vive, vai tomando notas e reunindo impressões sobre o que dele pensam, o que pensa dos outros e o que pensa de si.

Antes de ser executada a sentença que o condenou à morte, entrega esses manuscritos a um soldado que os fará chegar à mão do seu amigo Lázaro...

Com um assombroso sentido de modernidade o autor, teólogo, historiador e escritor, revela-nos um Jesus humanizado e mais próximo de nós, sem perder toda a dignidade do homem que assume a sua Verdade até às últimas consequências.

Esta é uma obra controversa e que o leitor não esquecerá facilmente.

Autor: Jean-Claude Barreau.

Editor destas obras: Francisco Lyon de Castro / Publicações Europa - América.

NOTAS E ANEDOTAS

A propósito do «deixa andar», estabelecido no nosso sector público, vale a pena contar uma anedota que corre na Polónia, segundo a qual um turista perguntou ao intérprete que o acompanhava, durante a visita a uma fábrica comunizada, porque motivo três operários empurravam um carro de mão vazio. A resposta veio pronta: é que o quarto está de férias e o quinto doente.
R. D. S.

Conhecido «progressista» entrou há dias numa tasca e logo se dirigiu ao balcão perguntando ao patrão-empregado se ali serviam «cachorros». O patrão que «não é para intrigas» e não tem papas na língua, ter-lhe-á respondido sem pestanejar: «Nós aqui servimos toda a gente».

Um cidadão húngaro pede autorização de se ausentar para um país ocidental.

— Então o camarada não está contente com o nosso Governo?
— Não me posso queixar! — foi a resposta.

— Não lhe agrada talvez o modo como os trabalhadores são tratados nas fábricas e empresas?
— Não me posso queixar!

— Acha talvez que não há liberdade suficiente de expressão do pensamento?
— Não me posso queixar!

— Mas então porque é que quer ir para o Ocidente?
— É porque lá posso-me queixar.

O JOGO É UM CANCRO DO CORPO SOCIAL

De tempos a tempos chovem clamores de aflição e brados indignados contra a prática do jogo que, mais ou menos camufladamente, mais ou menos clandestinamente, se processa nas tabernas, nos cafés, nas associações. As vítimas, em especial as mulheres dos jogadores, alegam que os seus lares, risinhos e felizes até à data em que os maridos começaram a jogar, se tornaram insuportáveis e a vida um verdadeiro martírio. Primeiro, uma desculpa para uma parcela do ordenado que não se entrega. Esta desculpa repete-se no mês imediato mas a importância em falta aumentou. Surgem as primeiras lágrimas!... Depois, com a continuação do jogo, vem o embrutecimento da razão, o moral perdido e, por vezes, a ausência completa do vencimento com que as mulheres e eles próprios têm de fazer face aos encargos da família e outros. O princípio da miséria física e moral.

Prosseguindo este calvário doloroso vem a necessidade do recurso ao empréstimo. Joias, objectos de valor e outros bens que constituíam a reserva do casal e que levaram anos de fadiga a amellar seguem o caminho das casas de penhores. Chega-se ao vencimento dos juros, estes não são pagos e os valores perdem-se. Em casa aumenta as discussões com a companheira e os filhos. Aos ralhos sucedem-se os maus tratos; e de degrau em degrau chega-se mesmo, até ao crime.

Na ansia de um lance de sorte os jogadores arriscam, por vezes, dinheiro que lhes não pertence, e entram no caminho do abuso de confiança, na falsificação da escrita, no desfalque, etc., etc.. Perdida a dignidade, está ameaçada, com todo o cortejo de sofrimentos, a sobrevivência do lar.

O jogador é um cego dominado pela obsessão do ganho fulminante. Acicatado pela ansia de recuperar o perdido, quando a sorte lhe é adversa, é levado a tentá-la com dinheiro que não é o seu. Cai, inevitavelmente, num círculo vicioso, de que só sai quando se vê despojado do último centil, quando os amigos o abandonam, quando os familiares o reprimam, mas também já quando a cadeia é um refúgio ou a morte o fim das acusações que a consciência lhe grita.

Tudo isto, ou uma grande parte, pelo menos, se evitaria desde que as casas de taboagem fossem rigorosamente vigiadas e fiscalizadas por agentes de uma autoridade inflexível, incorruptível. Autoridade que intervisse logo aos primeiros sintomas suspeitos e obrigasse o regresso aos seus deveres quantos dessem provas de se haverem transviado.

O jogo é um cancro terrível que urge extirpar do corpo social. Sobre as autoridades competentes impende o dever irrecusável de tomarem as medidas adequadas de prevenção e saneamento.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

HOTEL D. PEDRO (Vilamoura)

TARDE DESPORTIVA
INFANTIL — 22 e 29
DE SETEMBRO

Sob a orientação de Rosa Nunes, efectuaram-se duas tardes desportivas para crianças. Esta actividade está programada para as quartas-feiras, durante o mês de Setembro. Do programa constam diversas provas e competições, adequadas às ideias dos participantes (corridas de obstáculos, gincana de bicicletas, provas de natação, etc.). Participaram em 22/8, 28 crianças e em 29/8, 26. A tarde infantil termina com um Ice-Cream Cocktail-Party, na esplanada e distribuição de prémios aos participantes.

PING-PONG — 23 e 30

Realizaram-se dois torneios de ping-pong, sob a orientação de Rosa Nunes. Em 23/8 participaram 7 júniores e 4 seniores. Em 30/8 participaram 5 júniores e 7 seniores. Os torneios terminam com a distribuição de prémios para o primeiro e segundo classificados de cada grupo e oferta de uma bebida a cada participante.

VOLEIBOL

Por sugestão de Rosa Nunes o Hotel ofereceu 14 camisolas a uma equipa de voleibol que disputou um torneio na Praia de Faro. A equipa que assim representou o Hotel classificou-se em 2.º lugar.

ANDEBOL

Durante duas semanas esteve no Hotel a equipa de Andebol da T.V.S. da Alemanha Federal. Esta equipa foi vice-campeã da Alemanha em 1978 e dela fazem parte oito jogadores da selecção nacional do seu país, campeão nacional do mesmo ano. Aproveitando a presença desta equipa, organizou-se no dia 9, um jogo contra o R.A.F. (Real Amizade Francesa), no Pavilhão Gimnodesportivo de Faro, cedido para o efeito pela delegação da Direcção Geral de Desportos, em Faro. A equipa da T.V.S. venceu facilmente por 26/14. A imprensa foi informada e divulgou a efectivação do jogo, pelo que esteve muito público presente. O Hotel Dom Pedro ofereceu uma taça a cada equipa.

PRECISA-SE

Vendedor de malhas e confecções para a zona do Algarve.

Resposta ao n.º 56.

(6-1)

AMANTOS

para todas as aplicações
CASA CHAVES CAMINHA
Av. Rio de Janeiro, 19-B
Lisboa — Tel. 885163

A lição de Évora não foi por eles compreendida

(continuação da pág. 1)
interessa a todos; interessa aos comunistas que os outros pratiquem, já que nenhum comunista falta à urna. Por isso mesmo sabemos que o absentista não é comunista.

E foram os milhares de votos dos não comunistas e que não entraram nas urnas, que deram a vitória a estes.

O comunista não falta às urnas porque o agulhão da sua disciplina interna o coage a ir votar; os democratas faltam porque o seu sistema político não exerce coação sobre eles.

Daí que os comunistas se esforcem para impedir todo o fenómeno coactivo sobre a vontade eletiva dos democratas, como se viu na Assembleia da República quando aí foi apresentado um projecto de lei tornando o voto obrigatório. Os comunistas combateram-no e reprovaram-no; os socialistas, decapitados, também o combateram e reprovaram, e só assim o projecto foi rejeitado.

Resultado: em Évora os socialistas perderam com a liberdade de voto; os comunistas ganharam com essa liberdade e com a coação interna exercida sobre os seus militantes.

Esta estrondosa lição não aproveitou ao P. S., porque o peso da força da inércia mental sobre a maior parte dos seus militantes absorve a do menor número. O P. S. é já um peso morto. O seu destino é recolher-se ao seu clube de nefelibatas que sempre teve na primeira República. E mais vale isso do que andar a reboque do P. C.

Ora, se o P. S. não fosse constituído por socialistas mitigados, decento que teria defendido e votado o projecto de lei sobre a obrigatoriedade do voto, e com isso talvez evitasse futuros desastres como o de Évora, ou pelo menos, não viriam assumir o volume que todos viram.

Mas os socialistas são incapazes de ver isto, e atribuirão as suas derrotas a outras causas, que muitas haverá para produzir esse efeito, mas não serão as apontadas por eles que, no círculo interno do seu narcisismo, tudo lhes escapa.

Não deixa de ser interessante a interpretação que os comunistas e os transfugas, assinalados no livro *Inventona de Setembro*, dão à derrota socialista de Évora.

Para eles essa derrota provém da aplicação da lei Barreto, ou seja das bases da Reforma Agrária por este elaboradas e aprovadas na Assembleia da República.

O motivo imediato que dera lugar ao alvoroço comunista foram as devoluções das terras indevidamente expropriadas pelos laiaos moscovitas, e a entrega de reservas que constituem as migalhas que a lei destina aos expropriados das terras que lhes foram roubadas.

Tanto as devoluções, como as entregas de reservas, são imperativos da lei que os socialistas caucionaram com o seu voto, e que posteriormente, quando governo, se propuseram executar... E foram os governos socialistas

que, em cumprimento da lei, deram os despachos para as devoluções e para as entregas de reservas.

Mas esses despachos dados não foram postos em execução porque os laiaos moscovitas se opunham a isso com ameaças de sublevações das massas por eles manipuladas.

Daí os acordos secretos do P. S. com o P. C., pelos quais a lei se mantinha como letra morta, e ambos iam mantendo pacíficas as suas clientelas, enquanto a Nação jazia inerte sob a acção diabólica dos dois primos.

Sucede que o Plano do terceiro governo constitucional foi rejeitado com os votos dos dois pri-

(continua na pág. 7)

DITADURAS

Uma grande manifestação dos camponeses no Alentejo. Muitos tractores (roubados aos seus donos ou comprados com dinheiro do Estado) cheios de gente nos atrelados, muita gente a pé. Ao passarem junto de um café, uma mulher entra para beber um refresco. Um homem, que estava lá e que bem conhecia essa mulher, perguntou-lhe:

— Maria: então também andas metida nisto?

— Oh! senhor: se eu não viesse, amanhã já o meu homem não teria mais trabalho...

(Do «Jornal da Bairrada»)

VIAGEM ÀS CIVILIZAÇÕES MILENÁRIAS

31 — JERICÓ

Na parte norte do Mar Morto vai desaguar o bíblico Rio Jordão. Ao longe, vêmo-lo. Também o local onde, segundo a tradição, Jesus foi baptizado por S. João Baptista. Temos imensa pena, mas não nos deixam chegar às suas margens. É uma zona fortemente militarizada: do lado de cá o exército judeu, do outro lado, as tropas jordanas. Coisas da guerra.

Em vez do Jordão, vimos um tanque de guerra, retorcido e calcinado, à beira da estrada. Este apanhou em cheio.

Apenas a 7 quilómetros a oeste do rio, numa planície, aparece de repente, uma cidade oásis, em pleno deserto da Judeia, que é Jericó. Aqui há vegetação, árvores de fruta, jardins e... muita água. Ao longo das ruas, em vez de valetas, há canais de água corrente, limpa e fresca. Coisas do diabo.

Esta cidade é falada várias vezes na Bíblia. É o primeiro lugar conquistado pelos hebreus, após a passagem do Jordão. Aqui Jesus curou um cego chamado Bartimeu, segundo S. Marcos. Também em Jericó, Zaqueu recebeu Jesus em sua casa.

Segundo as escavações levadas a efeito por Miss Kenyon, em 1951/1958, provou-se que Jericó é a mais antiga cidade do mundo, datando do ano 7 000 Antes de Cristo.

O clima aqui é melhor. Pelo menos já há sombras. Parámos numa loja de venda de frutas e refrescos. Um copo de sumo de laranja custou-nos meio dólar. Eles podem pedir à vontade porque sabem que as pessoas chegam sequiosas e esgotadas. Depois de morta a sede, atiramo-nos às tâmaras e foi comer, mesmo quentes, até ficar de barriga cheia.

Uma pequena volta pela cidade para comprar umas recordações. Foram dois postais. Mesmo em frente, mostraram-nos a árvore (realmente bastante velha) onde Zaqueu se empoleirou para ver passar Jesus.

Para despedida, tirámos uma fotografia à Montanha da Tentação, onde Jesus jejuou durante 40 dias, vendo lá em baixo apetitosos pomares. O diabo apostou e... perdeu.

Voltamos a Jerusalém, mas antes parámos numa aldeia chamada Betânia, de população árabe, pois ainda em 1967 pertencia à Jordânia. É bastante pobre. Em buracos escavados numa encosta, pai, mãe e filha, entraram. Fomos atrás, para o que desse e viesse. Espreitámos e entrámos. Os três encontravam-se sentados no chão a prepararem-se para comer uma espécie de comida mastigada, com uma única colher que mergulhavam no tacho de barro colocado no chão de terra. Falaram...

(continua na pág. 8)

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

E despediu-se sem me dar a razão porque acreditava nelas. Mais tarde informaram-me de que naquela freguesia, quando uma criança aparece raquítica e enfezada dizem que está embruxada, e se sucede morrer acusam as bruxas de a ter morto.

Dizem que é curioso ouvir aos velhos falar à lareira de certas mulheres acusadas de bruxas e às quais imputam a morte de todas as crianças. Isto tem dado o resultado de os mais crentes, a quem morre um filho, saírem a campo e espancaram alguma pobre mulher acoimada de bruxa ou feiticeira.

É notável a diferença de conceitos entre o povo de Alte e o de Boliqueime, seu vizinho. Enquanto em Alte se fala de mouras encantadas e se repetem aqueles versos:

Adeus Julia e Juliana
Rocha da Pena, Cabeço de Câmara
Onde ficou a nossa dinheirama.

em Boliqueime repetem-se outros versos, atribuídos às bruxas;

Por cima da silva
Por baixo da oliva! (6)

Em Alte fala-se das mouras da **Igrejinha dos Soidos**, das mouras de Benafim, dos mouros encerrados nos grandes serros que circundam aquela povoação; em Boliqueime ouve-se constantemente tratar das bruxas de Alfentes, das bruxas da Parreira Ladeira, e dos lobis-homens de Estela Montes.

A povoação de Quarteira, onde estava situada a antiga carteia dos romanos, está assente, em parte, na freguesia de Boliqueime.

Consultei a opinião de um cavalheiro esclarecido, meu velho amigo, acerca das lendas de mouras encantadas nesta freguesia, e respondeu-me imediatamente que, apesar de ali residir para cima de vinte anos, nunca lhe chegara aos ouvidos uma lenda nesse sentido.

— Fale-me em bruxas, terminou ele a sua carta, e então lhe direi o que por cá consta. É um louvar a Deus!

Desisti de continuar ali nas minhas investigações pois tive a certeza de não colher resultado algum.

REFERÊNCIAS DE ALMANCIL

XII

De Almancil, freguesia da comarca e concelho de Loulé, nenhuma notícia há respeitante às mouras encantadas: Não a mencionaria aqui se o seu nome não fosse de origem serracena: Almancil vem de Almançal, termo serraceno, que significa estalagem:

Almancil é o nome da sede de uma freguesia da mesma denominação. De uns sessenta anos atrás a sede desta freguesia era outra: São João da Venda.

Por uma coincidência notável a sede antiga e a moderna são designadas pela mesma denominação: Venda, Estalagem, que, na linguagem vulgar do nosso povo, se confundem.

Nesta freguesia, ao sul e próximo do mar, há um sítio conhecido pelo **Loulé Velho**, a três quilómetros de Quarteira, onde estava situada a antiga **Carteia**.

A proximidade de duas importantes povoações, em épocas remotíssimas, surpreende-me.

No local onde se diz estivera fundado **Loulé Velho**, hoje quase inundado pelas águas do oceano, notam-se ainda hoje, nas grandes vazantes da maré, indícios grandiosos de uma vastíssima povoação.

Enormes alicerces, que entram pelo mar, grandes blocos, em alguns dos quais existem inscrições, que os marítimos não sabem decifrar, estendendo-se por tão grande espaço, levam-me a supor que a antiga Loulé era uma povoação importantíssima.

É possível que tão perto uma da outra coexistissem estas duas importantes povoações?

Dever-se-á antes acreditar que estas não coexistiram mas se sucederam? E nesta hipótese qual é a mais antiga? Não ousa emitir uma opinião completamente desautorizada em tal assunto.

Concordam os mais antigos geógrafos em afirmar que **Carteia** era cidade importante no tempo dos romanos; afirmam os mesmos autores que a velha Loulé fôra fundada pelos Celtas; mas não se sabe qual delas morreu primeiro, e nem se sabe se quando **Carteia** florescia **Loulé Velho** já tinha caído.

A lição de Évora não foi por eles compreendida

(continuação da pág. 6)

mos e do C. D. S., então aliados dos socialistas, pelo que aquele teve de ser demitido.

Mas demitido o Governo, os seus membros tiveram de permanecer em funções até à posse do futuro governo — n.º 4 do art.º 189 da Constituição.

É necessário que esteja presente, na memória de todos, que o Governo de Nobre da Costa ficou exercendo legal e legitimamente as suas funções até o Governo de Mota Pinto tomar posse.

Mas aquele governo, sem ligação e qualquer partido a que devesse obediência, governava livremente, dando execução aos despachos ministeriais dados por governos anteriores e que não os haviam executado devido a indecorosas combinações secretas com os comunistas moscovitas.

Na ignorância dessas maquinacões secretas, o Governo de Nobre da Costa deu execução aos despachos que ordenavam as devoluções aos legítimos donos das propriedades e que lhes haviam sido roubadas, e a entrega das reservas, migalhas que a lei concedia aos proprietários, vil e ilegalmente explorados dos seus bens.

Aos ilegítimos ocupantes de tais terrenos eram enviados avisos do dia em que compareciam os funcionários do MAP para efectuarem as devoluções ou as entregas das reservas, e nunca esses funcionários, ou o próprio Ministro, deixaram de dialogar com os ocupantes, sempre que eles quisessem dialogar.

Simplemente, o P. C., obedecendo a ordens ou intenções do Dr. Cunhal, incitava os ocupantes a recusar devoluções e entregas, o que estes fizeram na maioria das vezes.

Mas não foi só o P. C. a incitar os camponeses a desobedecer à lei; também o deputado Berreiros, em nome do partido dos Barões do marisco, apareceu nas terras do Alentejo pregando a desobediência à lei e às ordens do Governo.

A desobediência organizada e praticada, viu-se o Governo obrigado a dar aos funcionários do Map a companhia da G. N. R. para que eles conseguissem fazer a entrega das terras, mas a G. N. R. viu-se desobedecida e desrespeitada pelos ocupantes das terras, de diversos modos e maneiras.

Umaz vezes eram dezenas de camponeses, homens e mulheres, a deitar-se à frente dos tractores que abriam o sulco nas terras para fazer a delimitação da reserva com o resto da propriedade; outras vezes era a recusa, verbalmente declarada; outras vezes era a recusa de indicar o sítio onde se encontrava o gado a entregar, etc., etc..

Para impedir que os tractores passassem sobre os protestantes deitados, os soldados da G. N. R. tiveram de lançar as mãos aos braços ou às pernas dos obstrutores e arrastá-los da linha a percorrer pelo tractor, e aqui se levantava a onda de protestos da

multidão, previamente aí colocada pelos desordeiros, com gritos, pedradas e insultos à autoridade que em legítima defesa tinha de usar meios limitados de violência para anular a outra violência começada e em andamento.

Era isto que pretendiam os comunistas, quer os lacaios moscovitas, quer os lacaios do partido dos Barões do Marisco. Estes serviram-se então de outro expediente: proclamar em comícios e na sua imprensa, na R. T. P. e na R. D. P., a ilegalidade da actualização governamental e a ilegitimidade do próprio governo.

Para eles o Governo de Nobre da Costa actuava ilegitimamente, pois encontrava-se demitido e por isso estava inibido de praticar actos de gestão; ou então que somente estava autorizado a prati-

car actos de gestão, mas que a execução dos despachos dos governos anteriores não eram actos de gestão.

E na sua sanha obstrutiva recorreram à imagem, exibindo na T. V. a lombeira de uma mulher com sinais de duas vergastadas, sem que se lhe visse a cara, ficando por isto os telespectadores sem saber quem era a mártir.

Depois seguiu-se a propaganda cerrada sobre a repressão violenta de Nobre da Costa, expressão já usada contra o governo de Mário Soares.

Depois, ainda, aparece o clamor da dialogação; era necessário dialogar...

O Governo respondeu que sim, e marcou-se o dia para o diálogo.

(continua no próximo número)

A DITADURA DOS PREÇOS e o gonçalvismo das empresas

(continuação da pág. 1)

significa a festança dos verbalismos idiotas, pois é uma necessidade, no barómetro da Convicção, fervermos com a gasolina mais cara ou seja um indivíduo é sepultado vivo pelos aristocratizados preços da Democracia Mendiga, irmã-gêmea dos suores chilenos. Esquisito este sistema político-social em que direitas, centros e esquerdas, se espumam em slogans demagógicos na espreagueira económica. E quando toca a trabalhar, que trabalhem os da terra com meia-tijela de caldo, que se esquivem os das empresas públicas!

Neste zigzaguear sem sentido a Revista Feminina descarrega nos homens, pois que agora com uma primeira-ministra, com dias bastam para endireitar isto. O tal desabrochar dos movimentos feministas que desassombradamente pugnam pela igualdade de direitos.

E vejamos o que dizem os jornais acerca das mulheres que gastam os dias na procura de lugares e posições para a sua emancipação plena. A médica e especialista Jessie Potter, que tem olhos de gigante nas relações humanas, descobriu que as relações sexuais aliviam as dores reumáticas. A sr.ª Whendie lowzow, deputada conservadora do Parlamento norueguês, declarou-se publicamente homossexual.

A emoção. A sensibilidade feminina. Não é novidade nenhuma que a Primeira Ministra inglesa é conhecida pela Dama-de-Ferro ou que Indira Ghandi castiga com força as asneiras. De Maria Pintas-silgo sabemos que o tamanho da crise é certo mas que ela não está isolada... com quem está junta não sabemos. Mas nesta Comédia da Vida, o Correio da Manhã, bem-vistoso e bem-fazente, bem-educado e bem-fazente, procura a vários artistas do Teatro, o que faziam se fossem presidentes deste

País (não quer dizer que os Presidentes tenham que tocar flauta ou fazer doer o coração em peças tisanadas). Eu categoricamente responderia, avinagrado como estou com o aumento do custo de vida, que dava o meu lugar a uma mulher. Talvez à Vera Lagoa (cruzes credo, que me perdoe se tão grande ofensa lhe fiz!). É que há mulheres que têm cá uns...!

LUÍS PEREIRA

CAMION

Por motivo de retirada para o estrangeiro, vende-se um camion marca OM-NC 70. Em bom estado. De 7 000 kilos.

Tratar com Maria Otília Cabrita — Valados — Santa Bárbara de Nexe.

(4-2)

Trespassa-se

Estabelecimento comercial, bem localizado.

Aceitam-se propostas. Tratar com Francisca Rocheta, Rua Gil Vicente, 24 — LOULÉ.

(3-2)

VENDE-SE

Autonível Cortina 1300, em bom estado de conservação.

Tratar pelo telef. 94450 — Almansil.

(4-4)

VENDEM-SE

Apartamentos, em blocos de construção moderna, em acabamento, c/ 3 assoalhadas e a preços acessíveis, situados na Rua da Central Eléctrica.

Informa-se no local, com Manuel José Portela Neves.

(10-10)

Betoneiras — Alugam-se

Com ou sem guincho. Tratar com Aníbal Valério Domingos, Rua David Teixeira, 215, r/c, Esq. — Loulé, Tel. 63092 (das 9 às 19) e 62860 (residência).

Projecto de diploma sobre regionalização turística

O projecto de diploma apresentado à Assembleia da República pelo Governo sobre a regionalização turística decorreu da necessidade inadiável de sanar a confusão reinante na matéria, devido ao facto das leis das autarquias e das finanças locais terem revogado disposições essenciais das normas legais que regulam a matéria sem, contudo, terem previsto dispositivos que pudessem suprir o vazio criado.

Não foi, porém, possível sustentar perante os Grupos Parlamentares aquele projecto o que levou a procurar assegurar o funcionamento dos órgãos regionais e locais de turismo existentes como medida prioritária.

Assim, foi aprovado um dispositivo legal que assegurará a manutenção e funcionamento dos órgãos regionais e locais de turismo cujos encargos passam a ser suportados pelos municípios, pelo menos no montante equivalente a 50 por cento do produto do imposto de turismo arrecadado, sem prejuízo das comparticipações que venham a ser atribuídas pela administração

central para apoio à execução dos respectivos planos de actividade e de receitas próprias de que, nos termos da lei, já dispunham ou possam ver a dispor.

O facto de se estabelecer que a manutenção e funcionamento dos órgãos locais e regionais de turismo passa a constituir encargos dos municípios, a verdade é que estes não ficam prejudicados porque, pelo alargamento da incidência do imposto de turismo e praticamente a todos os serviços de natureza turística se lhes atribui compensação equivalente àquele encargo. Note-se que por esta medida se eliminaram disparidades entre os estabelecimentos que pagam imposto e aqueles que a ele não estavam sujeitos. Procurou-se, assim, adequar a Lei das Finanças locais à necessidade de manter em funcionamento os órgãos regionais e locais de turismo.

Está desta forma assegurada a estabilidade daqueles órgãos evitando-lhes assim dificuldades insuperáveis com a consequente degradação.

ALUNOS DO PREPARATÓRIO E SECUNDÁRIO acautelados contra o insucesso escolar por conjunto de medidas do MEIC

Foi mandado para publicação em Diário da República dois despachos do Secretário de Estado dos Ensinos Básico e Secundário, que consagram algumas medidas tendentes a suprir, em tempo oportuno, as carências dos alunos afectados pelas dificuldades que decorrem de um processo irregular de aprendizagem, resultante do não cumprimento de parte significativa dos conteúdos programáticos.

Neste sentido, o Secretário de Estado determina, num dos despachos que aos alunos das turmas dos ensinos preparatórios e secundário poderá ser determinada a frequência de aulas em regime de extensão curricular, obrigatórias e consideradas tempos lectivos para todos os efeitos legais, designadamente para marcação e contagem de faltas e cálculo das aulas previstas dadas e assistidas. Recalem nesse caso todos os alunos que no ano lectivo anterior tiverem tido menos de dois terços das aulas previstas ou leccionação notoriamente deficiente.

Por outro lado, considerando os inconvenientes e a baixa rentabilidade das aulas de recupera-

ção tal como têm funcionado até à data e considerando ainda de que um dos meios de ultrapassar o insucesso escolar consiste na prática do ensino personalizado, o Secretário de Estado tomou um conjunto de importantes medidas tendentes a sensibilizar os docentes à abordagem e discussão de assuntos de natureza pedagógica, didáctica e científica, nomeadamente, as principais causas de insucesso escolar, o ensino personalizado, a programação de actividades de apoio e de recuperação integradas no funcionamento normal da turma, a análise e estudo dos conteúdos programáticos, a planificação de unidades temáticas dos programas em vigor e elaboração do correspondente material, e a avaliação dos alunos.

TÁBUAS

Vendem-se tábuas de enfiar, com 95x65 cms.

Nesta redacção se informa.

(3-2)

APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA. TRATAR COM CONCEIÇÃO FARRAJOTA, RUA INFANTE D. AFONSO III - R/C, Fte. — QUARTEIRA OU PELO TELEF. 65852 (das 20-22 h.).

(6-2)

A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS BILHETES DAS EMPRESAS: MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

★

Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo) QUARTEIRA — ALGARVE

O XI CONCURSO HÍPICO DA PENINA CONTINUOU A SER UM DOS MELHORES (E MAIORES) CARTAZES TURÍSTICOS DO ALGARVE

Realizou-se, conforme foi noticiado oportunamente, o XI Concurso de Saltos Internacional da Penina, no magnífico hipódromo do Hotel Penina, de 5 a 9 deste mês de Setembro e que suscitou, como é hábito, grande entusiasmo entre os apreciadores do Hipismo.

O Comité Organizador, como já é tradicional, foi presidido pelo nome prestigioso do Eng.º Luís d'Azevedo Coutinho, acompanhado pelo Eng.º José Cansado Valente (a alma e o motor do próprio Concurso) e pelo Coronel Vasco Ramires.

As provas decorreram sempre

em ambiente de muito interesse, principalmente nos dois últimos dias, que tiveram também a presença de uma equipa da Televisão Portuguesa, para transmissão directa no sábado e domingo.

Apesar de haver falta de cavalos em condições, os cavaleiros portugueses portaram-se muito bem, em competição directa com magníficos conjuntos espanhóis e franceses. Por seu turno, a juventude foi especialmente acarinhada pelos organizadores, havendo várias provas essencialmente destinadas a Iniciados, Juvenis e Júniores.



Ultrapassando obstáculos ou saltando precipícios, o fogo e indómito cavalo e o ousado cavaleiro (perito na arte equestre), proporcionam espectáculos de rara beleza e entusiasmo. Assim aconteceu agora, mais uma vez, no Concurso da Penina.

RIBEIRO DA CUNHA NÃO É REMUNERADO

A propósito de diversas notícias e comentários, em que se manifesta a indignação, ou, pelo menos, o espanto, em que o Dr. Ismael Ribeiro da Cunha presida aos destinos da Comissão Regional de Turismo do Algarve, residindo e trabalhando em Lisboa, fomos informados de que não é remunerado no referido posto, pelo que terá de trabalhar onde realmente é pago para o fazer, ou seja, em Lisboa. Acrescentaremos nós, que, não criticamos o Dr. Ribeiro da Cunha por permanecer em Lisboa onde ganha o seu pão. Criticamos, isso sim, é uma estrutura governamental que escolhe para presidir aos destinos da CRTA, a título gratuito, uma pessoa que trabalha e reside em Lisboa. Ai, sim, é que está o busil da questão. Agora, se o Dr. Ribeiro da

Cunha concordou com esse absurdo, tanto concordou que aceitou, isto já será um problema eminentemente pessoal. Onde isso fere os interesses do Algarve, cá estaremos nós a malhar no que for preciso. Mai'nada!

RALLYE DO ALGARVE

Mais uma vez a Organização do Rallye do Algarve se vai reunir com a Comunicação Social para falar sobre a Prova que promete este ano ser a mais espectacular de todas as que se têm feito desde 1970.

Com o apoio das Organizações Fernando Barata, o Rascal Clube convidou a Imprensa, Rádio e Televisão para um encontro em Lisboa no «cocktail-bar» do

Vespertino comunista pede prisão de Bispos portugueses!

Numa tentativa intimidatória, que nem mesmo se verificou no período gonzalvista, o «Diário de Lisboa» tituló em manchete: «Bispos e padres sujeitos a multas e penas de prisão» por infringirem a Lei Eleitoral. Extremamente confusionalista em relação à consciência católica do País, os comunistas sentem agora que têm de passar ao ataque. Como os mandatos de captura, em branco, já não são possíveis, vá de arranjar um hipotético pretexto, acenando com a perspectiva de multas ou de prisão para o clero português.

Foi o «Diário de Lisboa», amanhá, por certo, o coro alargado-se a outros órgãos do PC.

A razão principal deste terrorismo psicológico do PC e afins reside na raiva e desespero com que vêem a Igreja exprimir-se livremente, e, na competência do seu ministério, apontar deveres aos cristãos chamando-lhes a atenção para a responsabilidade das suas opções no futuro da sociedade portuguesa.

Coerente com o seu modelo totalitário (nos países dominados pela União Soviética a liberdade religiosa não existe), o PC pretende calar a voz livre dos bispos e dos padres portugueses, ameaçando-os com prisão de seis meses a dois anos. Evidentemente que a ameaça não colhe nem se concretizará. Mas é bom que registemos, pois ela dá-nos a verdadeira face dos mentores da cassete «das mais amplas liberdades».

E vá lá que os comunistas apenas pedem (nem sequer exigem) 6 meses a 2 anos de cadeia para os bispos e padres portugueses, porque, se o arauto das «amplas liberdades», fosse Primeiro Ministro deste País, já estariam hoje a cumprir prisão perpétua nas gélidas cadeias da distante Sibéria!

E em nome da Democracia.

Concurso Fotográfico sobre chaminés algarvias

Correspondendo ao apelo lançado nas páginas de «A Voz de Loulé», no sentido de, através da fotografia, ser recuperada a antiga tradição das chaminés algarvias, numerosos trabalhos nos foram enviados.

Expirado o prazo de entrega, em 30 de Setembro, um júri contactado expressamente para o efeito, seleccionará os trabalhos vencedores, devendo os resultados ser posteriormente pu-

CAMPEÃO EUROPEU DE «SKATÉ» NO ALGARVE

Organizado pelo Clube Português de «Skate» e com o patrocínio da «Pepsi-Cola», realizou-se há dias na Quinta da Balaia o I Campeonato de «Skate».

As provas realizaram-se numa pista instalada em pleno revalado da Quinta da Balaia, entre o pinhal e a praia (precedidas de pré-aquecimento) numa pista anexa ao recinto e tiveram boa frequência de concorrentes e de espectadores, na sua maioria jovens e forasteiros.

O Campeonato decorreu sob a égide de bom desportivismo, com os concorrentes a demonstrarem o seu real valor, alguns já com uma técnica bastante aperfeiçoada, embora se notasse a inexperiência de outros. O público correspondeu entusiasticamente com vibrantes palmas, exteriorizando assim o seu entusiasmo pelo novo desporto! Como era de esperar, houve ligeiras quedas mais ou menos aparatosas dos mais atrevidos «equilibristas».

«Além do mais, registou-se com grande entusiasmo e notoriedade, a presença entre nós do indiscutível bi-campeão de França e campeão europeu da modalidade, José de Matos, que demonstrou perante os presentes a sua real categoria e o seu indiscutível brio profissional, sendo vibrantemente aplaudido nas provas de demonstração. A larga assistência teve assim oportunidade de apreciar ao vivo a técnica, a espontaneidade, a imaginação, a criatividade, o dinamismo, a desenvoltura, a amplitude e repentinamente numa modalidade que está a desabrochar em Portugal.

Quinta da Balaia, um dos magníficos e pitorescos complexos turísticos do Algarve, numa das mais verdejantes e paisagísticas mais apreciadas da nossa província, viu assim realizar-se pela 1.ª vez o I Campeonato do Algarve de «Skate».

A verdade é que a recente organização do Campeonato é uma clara demonstração do espírito de iniciativa e dinamismo dos homens (jovens), que vivem apaixonadamente os problemas do «Skateboard», e que, à frente do Clube Português de «Skate», desejam contribuir para a expansão desta nova modalidade, oriunda da América do Norte. Além desta louvável iniciativa, temos que considerar ainda, um estímulo e uma «nota» de alegria, para quem visita este aprazível recanto de beleza invulgar.

Esperamos, pois, que outras iniciativas do género se concretizem, como meio de expansão da modalidade e sejam um estímulo para que os seus patrocinadores cativem não só a nossa juventude, como também os forasteiros e seja um elo de ligação para a criação de novas equipas e o aparecimento de novos valores.

Endereçamos, pois, os nossos entusiásticos parabéns ao proficiente do Clube Português de «Skate» e à «Pepsi-Cola», empresa que muito contribuiu para a realização deste belo festival desportivo e, em especial ao nosso compatriota, José de Matos, que teve oportunidade de confraternizar com os jovens algarvios e revelar-nos a sua enorme popularidade e o seu já conhecido espírito juvenil.

Fernando Graça

CICLISMO

CAMPEONATOS REGIONAIS DE PISTA

Nos passados dias 1 e 2 de Setembro, realizaram-se na Pista Bexiga Peres, em Loulé, os Campeonatos Regionais de Pista, numa organização da Associação de Ciclismo de Faro, e que tiveram os seguintes resultados: Para conhecimento dos Clubes seus filiados, órgãos da Comunicação Social e demais interessados, a Associação de Ciclismo de Faro comunica os resultados dos Campeonatos Regionais de Pista, realizados nos dias 1 e 2 de Setembro, na Pista Bexiga Peres, em Loulé:

PROVA DE PERSEGUIÇÃO INDIVIDUAL

Aspirantes — 1.º, 45, Joaquim Guerreiro (Louletano), 2 m 27 s; 2.º, 44, Leonel Tomás (Louletano), 2 m 30 s.

Júniores — 1.º, 428, José Mendes (Campinense), 4 m 9 s; 2.º, Carlos Martins, 410 (Louletano), 4 m 11 s; 3.º, José Barbosa, 13 (Campinense), 4 m 12 s.

Séniiores B — 1.º, Luís Vargues, 231 (Campinense); 2.º, 89, António Ramos (Louletano), eliminado por ultrapassagem.

Séniiores A — 1.º, 94, Filipe Perna Coelho (Boavista), 5 m 38 s.

Veteranos A — 1.º, 131, Aníbal Correia (Campinense), 2 m 45 s.

PROVA DE VELOCIDADE

Aspirantes — 1.º, 44, Leonel Tomás (Louletano), 13 s 2/10; 2.º, 45, Joaquim Guerreiro (Louletano), 13 s 3/10.

Júniores — 1.º, 410, Carlos Martins (Louletano) 12 s 6/10; 2.º, 13, José Barbosa (Campinense), 13 s 4/10.

Séniiores B — 1.º, 233, José Luís Pereira (Campinense), 12 s 7/10; 2.º, 89, António Ramos (Louletano), 12 s 9/10.

Séniiores A — 1.º, 58, Manuel Correia (Campinense), 12 s 8/10; 2.º, 94, Filipe Perna Coelho (Boavista), 12 s 9/10.

Estão apurados para disputar os Campeonatos Nacionais de Pista, os ciclistas classificados nos dois primeiros lugares de cada prova.

Civilizações Milenárias

(Continuação da pág. 6)

nos e não nos entendemos. Estenderam a colher, cheia daquela mistela, em direcção à nossa boca. Fazendo de tripas coração, abrimos a boca, mastigámos e engolimos. Ficou a experiência.

Já chega de Betânia, a aldeia vinculada à família de Simião, o leproso, da casa de Maria e de Marta. Como ainda hoje não tínhamos visto nenhum túmulo e estávamos a estranhar, para despedida fomos até ao de Lázaro, num subterrâneo, tipo casa misteriosa.

M. VAZAO

Abertura das consultas externas no novo edifício do Hospital Distrital de Faro

A solicitação da Comissão Instaladora do Hospital Distrital de Faro, informamos o público em geral de que, as Consultas Externas do Hospital Distrital de Faro, passam a funcionar no Novo Edifício, à Zona

da Carreira de Tiro, a partir do passado dia 17 de Setembro. Exceptua-se, neste novo esquema, a Consulta de Pediatria de apoio ao Serviço de Urgência, que continuará a funcionar, por enquanto, no velho edifício.

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Membros da Assembleia Municipal de Loulé, para uma Sessão Ordinária a realizar no Salão Nobre dos Paços do Concelho no dia 29 do corrente pelas 17 horas com a seguinte ordem de trabalhos:

— Análise e discussão de assuntos de interesse local.

PEL'O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA,
José Pereira Pires